

A CLASSE DOS NOMINAIS EM PERSPECTIVA TEXTUAL: ARTICULAÇÃO DA GRAMÁTICA AO DISCURSO.

Simone Xavier Pontes*

RESUMO: Nosso trabalho propõe um estudo mais reflexivo acerca da classe dos nominais, em especial, do adjetivo, num corpus de crônicas de Fernando Sabino, tendo em vista a articulação dos pressupostos lingüístico-gramaticais com os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Semiolingüística de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau (in Carneiro:1996). Assim, pretendemos analisar o comportamento morfológico, sintático e semântico-discursivo da classe dos nominais, com ênfase no adjetivo, observando de que forma se constrói o sentido discursivo de tal vocábulo, fato que se relaciona diretamente, não só aos sujeitos envolvidos no ato discursivo, como também à intenção desses parceiros, em virtude das escolhas lexicais por eles realizadas.¹

ABSTRACT: Our paper aims at analyzing more reflexive about the noun category, specifically the adjective, in a corpus made of Fernando Sabino's chronicles, combining grammatical, linguistic and discursive contents with the theoretical and methodological bases from the Semiolinguistic Theory of Discourse Analysis of Patrick Charaudeau (in Carneiro:1996). So, we intend to do an analysis about the morfologic, syntatic and semantic-discursive behavior of noun category, notably the adjective, looking at how to constitute the discursive sense of this word. And this fact is relationed straight: with the subjects who are involves in the discursive situation, with the intention of these subjects and lexical choices made for them.

PALAVRAS-CHAVE: adjetivo, gramática, texto e discurso.

KEY WORDS: adjective, grammar, text and discourse.

INTRODUÇÃO

A fragmentação do Ensino Fundamental é, como nos diz Soares (2002, p.04), ainda freqüente nas escolas brasileiras: classe de alfabetização, quatro primeiras séries e quatro últimas séries. Esse problema reflete-se, de maneira imediata, nos Livros Didáticos², em geral, assim apresentados: um livro para a alfabetização, uma coleção para as quatro séries iniciais e outra para as quatro séries finais.

Pode-se dizer que tal fragmentação ultrapassa os limites da organização da escola e, por conseguinte, dos livros didáticos, ocasionando também, como nos diz Neves (2001), a *compartimentação* do ensino de gramática, fato que prejudica a prática pedagógica.

Desse modo, as aulas de Língua Portuguesa, em específico, o estudo da gramática, tem-se restringido, principalmente nas últimas décadas, à mera transmissão de regras e de conteúdos gramaticais lecionados aos alunos, de forma descontextualizada, isto é, desvinculada de um *uso efetivo* da língua. Por isso, concordamos com Neves (*id.*) quando diz que:

"A língua em uso oferece complicadores no nível semântico e no nível pragmático-discursivo. E é a língua em funcionamento que tem de ser objeto de análise em nível pedagógico, já que a compartimentação da gramática como disciplina desvinculada do uso da língua tem sido um dos grandes óbices à própria legitimação da gramática como disciplina com lugar no ensino da língua portuguesa. (...) Considerado que a unidade básica na análise da língua em funcionamento é o texto, cabe considerar a natureza dessa unidade, natureza que determinará a postura de análise e as bases de operacionalização." (2001, p.49-50)

Vê-se que o estudo das classes de palavras, em específico, o do adjetivo ocorre, na maioria dos LDs, a partir de frases soltas, ou seja, frases que não possuem relação alguma com os textos utilizados nas Unidades Didáticas desses LDs. Vale ressaltar que, ainda hoje, o texto é visto por muitos professores apenas como mero pretexto para as aulas de Língua Portuguesa. Na verdade, ele deveria ser tomado, ao mesmo tempo, como o ponto de partida e de chegada para a

reflexão acerca de todas as atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, que são: leitura, compreensão e interpretação dos elementos textuais, vocabulário, reflexão sobre os conteúdos gramaticais e produção de textos orais e escritos.

Além disso, percebe-se uma mistura dos critérios *morfológico* (ou *mórfico*), *sintático* (ou *funcional*) e *semântico*, na definição das classes de palavras apresentada pelas Gramáticas Normativas: o substantivo, por exemplo, é definido como a palavra que designa seres animados ou inanimados, objetos, estados, ações etc.. Nota-se que essa definição é, portanto, de base semântica, sendo os critérios funcional e morfológico postos de lado.

Assim, este trabalho pretende apontar a necessidade de um estudo mais reflexivo acerca da classe dos nominais, em especial, do adjetivo, isto é, uma análise articulada a textos, observando não só a posição desse vocábulo num sintagma nominal e o seu respectivo valor semântico-discursivo, como também de que forma o sentido desse adjetivo irá contribuir para a progressão dos temas discutidos em um *corpus* de crônicas de Fernando Sabino.³ Ou seja, com base na articulação dos critérios *mórfico*, *sintático* e *semântico* e dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Semiolingüística de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau, observaremos de que forma se constrói o sentido discursivo do adjetivo, fato que se relaciona, ao mesmo tempo, com os *parceiros* envolvidos na situação discursiva e, principalmente, com a *intenção* de tais sujeitos, ao realizarem as suas escolhas lexicais.

1. PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Para analisarmos, como dissemos, o comportamento morfológico, sintático e semântico-discursivo do nome adjetivo, utilizaremos, neste trabalho, a crônica *Espinha de peixe* que, pelo fato de abordar a relação afetiva entre os idosos e a sua família, faz parte, desse modo, da área temática intitulada *problemas sociais*.

O gênero textual crônica foi escolhido em virtude de ser um texto que lida, em essência, com o circunstancial (Sá, 2001, p.05-06), isto é, fatos próprios de nosso dia-a-dia que, de certo modo, aproxima os leitores-alunos das situações narradas.

Fernando Sabino é um autor que explora o universo das crianças e dos adolescentes de uma forma vivaz e singular, produzindo textos que discorrem tanto sobre situações típicas do cotidiano infantil, quanto a respeito de temas mais abstratos, que conduzem o leitor a uma reflexão.

Assim, desenvolveremos a análise da crônica selecionada, a partir do seguinte esquema:

- Apresentação dos modos de organização do discurso: o *Enunciativo*, o *Descritivo*, o *Narrativo* e o *Argumentativo*,
- Discussão acerca da temática do texto: o fato - suas causas e conseqüências e
- Delimitação da classe dos nominais, isto é, do adjetivo: a sua caracterização morfossintática e semântico-discursiva.

Antes propriamente da análise de *Espinha de peixe*, é necessário realizarmos, em primeiro lugar, breves considerações a respeito da Teoria Semiolingüística de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau. Em seguida, apresentaremos algumas definições do nome adjetivo, com base na articulação dos critérios mencionados.

1.1 UMA TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO - A SEMIOLINGÜÍSTICA

A Semiolingüística analisa diferentes discursos sociais e suas variantes, de uma cultura para outra. Segundo Charaudeau (1995b., p.98),

"*Semio* vem de *sémiosis*, lembrando que a construção de sentido e sua configuração se fazem por meio de uma relação forma/sentido – relação que pode ocorrer em diferentes sistemas semiológicos; com *lingüística*, quer se enfatizar que a forma de ação pretendida pelo sujeito comunicante é sobretudo constituída por um material languageiro oriundo das línguas naturais. A partir da dupla combinação das unidades lingüísticas (paradigmática e sintagmática) nos níveis da palavra, da frase e do texto, esse material languageiro, aliado aos saberes individual e social, estabelece o que se denomina *ato de semiotização do mundo* (*a construção do sentido*), ato este que constitui a base da teoria Semiolingüística."

Podemos dizer, ainda, que a base da Teoria Semiolingüística, proposta por Charaudeau (*apud* Machado, 2001b., p.50), está na ação comunicativa, isto é, na produção de um ato de linguagem, através de uma encenação sócio-discursiva (ou, segundo o autor, de uma *mise en scène*), realizada por sujeitos (a princípio, seres sociais) que, ao mesmo tempo, situam-se num espaço sócio-histórico e ideológico - o mundo *real* (portador de saberes, convicções e ideologias) e interagem-se a partir de um contrato de comunicação pré-estabelecido - o mundo *virtual/o discursivo*.

Além disso, vê-se que um ato de linguagem é organizado ao redor de dois espaços - o *de limitações* (também chamado *espaço externo*) e o *de estratégias* (denominado *espaço interno*), estruturando, desse modo, tal ato de linguagem em três níveis que se inter-relacionam: *situacional, discursivo e semiolingüístico*⁴.

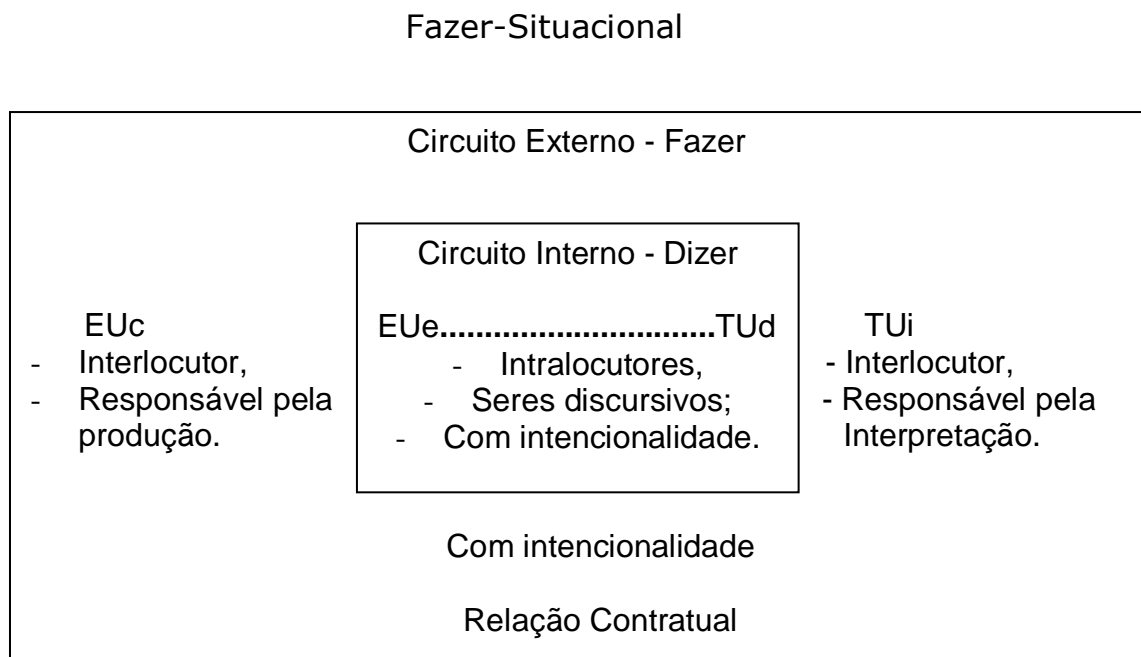
Tal estrutura de um ato de linguagem determina, portanto, a existência de dois tipos de sujeitos de linguagem, que se apresentam em um duplo espaço de significação: um externo e outro interno. De acordo com Charaudeau (1996), no espaço externo, encontram-se os *parceiros*, também chamados *interlocutores* que, representando seres sócio-históricos e ideológicos, dotados de intencionalidade (*seres do mundo do Fazer*), são os verdadeiros responsáveis pela produção do ato de linguagem (o *sujeito comunicante* ou *EUc*) e pela interpretação deste ato (o *sujeito interpretante* ou *TUi*). Já no espaço interno, atuam os *protagonistas*, denominados ainda *intra locutores*, *seres discursivos* (ou *seres do mundo do Dizer*), que constituem *projeções* estrategicamente elaboradas pelo sujeito comunicante em relação a si mesmo e ao sujeito interpretante. Trata-se, então, do sujeito enunciador (EUe) e do sujeito-destinatário idealizado (TUd).

Como vimos, para produzir um ato de linguagem, isto é, para *semiotizar o mundo*, o sujeito comunicante (representado, *situacionalmente*, pelo escritor - Fernando Sabino) transfigura-se, na situação discursiva, em um sujeito enunciador (representado, *discursivamente*, por um Narrador em 3ª pessoa, também chamado, Narrador Observador), dispondo de dois espaços de organização do sentido - o da tematização e o da relação.⁵

No espaço da tematização, o sujeito comunicante entrega-se a vários tipos de estratégias lingüísticas, para abordar os modos de existência dos seres do mundo (operação de identificação [nomear/designar:

nomes substantivos]), de suas propriedades/características (operação de qualificação [nomes adjetivos]), de suas mudanças de estado (operação de representação dos fatos e das ações [verbos e advérbios]) e de sua razão de ser e de fazer (operação de explicação [operadores lógicos]). (Charaudeau, 1995a., p.11)

Observemos, através do quadro abaixo, os sujeitos mencionados:



1.2 A ARTICULAÇÃO DOS TRÊS CRITÉRIOS

Câmara (1999, p.77) classifica os vocábulos formais, também chamados partes do discurso, de acordo com os seguintes critérios:

- 1º) o *semântico*, referente à significação das palavras do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua,
- 2º) o *formal* ou *mórfico* baseia-se nas propriedades da forma gramatical que os vocábulos podem apresentar e
- 3º) o *sintático* ou *funcional* diz respeito à função ou papel que a palavra desempenha em uma determinada oração.

Em relação ao critério *semântico*, define-se o adjetivo como a palavra que especifica o substantivo, promovendo a expressão de um teor praticamente ilimitado de especificações com o uso de elementos fixos, mas uma função dependente do substantivo por sua própria natureza e razão de ser. (Basílio,1995, p.50)

Ainda no que se refere ao critério *semântico*, podemos denominar os adjetivos de *objetivos* ou *subjetivos*. Carneiro *et al.* (1992, p.31) articulam essa classificação, de base semântica, a outra, de base textual, assim distribuindo os adjetivos:

- a) *Qualificações*: decorrentes da opinião do enunciador, como em *dia maravilhoso*;
- b) *Informações*: resultantes do conhecimento do enunciador, como em *relógio francês* e
- c) *Caracterizações*: produzidos, ao mesmo tempo, a partir do conhecimento do enunciador e dos dados observados no próprio objeto, como em *relógio azul*.

Com base na classificação dos adjetivos em *objetivos* e *subjetivos*, dizemos que os do tipo *Qualificações* apresentam um conteúdo subjetivo e necessitam de uma maior explicitação, fazendo o texto progredir. Esses adjetivos denominam-se *subjetivos*. Já os adjetivos do tipo *Informações* e *Caracterizações* possuem um conteúdo semântico fechado em si mesmo e, dessa forma, não geram progressão no texto. Tais adjetivos são classificados como *objetivos*.

Conforme o critério *mórfico*, o adjetivo é definido como uma palavra que apresenta as categorias de gênero e de número, com as flexões correspondentes.

De acordo com o critério *funcional*, vê-se o adjetivo como uma palavra que acompanha, modifica ou caracteriza o substantivo. Contudo, observa-se que tal definição sintática para os adjetivos não é suficiente, pois não os diferencia de outras palavras que também acompanham substantivos, chamadas *determinantes*, tais como: os artigos, os pronomes possessivos e demonstrativos e, ainda, os numerais⁶. Nota-se, portanto, que a distinção entre adjetivos e determinantes está mais relacionada a propriedades de natureza semântico-discursiva do que sintática.

Para Cunha (1996, p.201), o adjetivo é, essencialmente, um modificador do substantivo. Emprega-se também o adjetivo a fim de caracterizar os seres ou objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhes uma qualidade ou defeito (*inteligência lúcida/homem perverso*), o modo de ser (*pe^ssoa simples*), o aspecto ou aparência (*céu azul*) e o estado (*laranjeiras floridas*). Pode-se dizer, ainda, que tal modificação junto ao substantivo também se realiza através de uma expressão constituída por preposição e um substantivo, como vemos em *homem de coragem = homem corajoso, amor de mãe = amor materno*. Dessa forma, pelo fato de as expressões *de coragem* e *de mãe* serem equivalentes tanto semântico quanto funcionalmente aos adjetivos *corajoso* e *materno*, elas são classificadas como locuções adjetivas.⁷

Quanto à sua função sintática, o adjetivo pode-se apresentar numa oração sob as formas de Adjunto Adnominal e de Predicativos do Sujeito e do Objeto Direto.

2. RESULTADOS

O texto em estudo classifica-se como sendo do tipo *narrativo*, pertencente ao gênero *crônica*. No entanto, essa classificação não descarta, de maneira alguma, a presença dos outros modos de organização do discurso, que são: o *Enunciativo*, o *Descritivo* e o *Argumentativo*.

Assim, o modo Enunciativo de organização do discurso *comanda/organiza* a encenação dos outros três, à medida que mostra a relação de influência do locutor sobre o interlocutor, o ponto de vista situacional desse locutor e o seu testemunho face ao mundo (Carneiro & Monnerat, 1992). Esse modo apresenta-se, na crônica, a partir de uma situação corriqueira de nosso cotidiano: um jantar em família. Dentre os membros que dela fazem parte, destacam-se a figura da *sogra* (D.Carolina) e a do *genro*. Tradicionalmente, em nossa sociedade, a figura da sogra é bastante depreciada, pelo fato de representar um problema ou, ainda, uma intromissão no relacionamento de muitos casais, levando, muitas vezes, à sua separação. Da mesma forma, a figura do genro também pode ser depreciada por representar, consciente ou inconscientemente, uma espécie de concorrente às atenções da filha, atenções estas destinadas outrora apenas à mãe e ao pai. Baseando-se, então, em

uma situação típica de nosso dia-a-dia (um jantar em família), o sujeito *comunicante*, representado pelo Narrador-Observador, que se transfigura, no ato discursivo, em sujeito *enunciador* (representado pela figura do genro) e que emite juízos de valor em relação à sua sogra, propõe-nos uma reflexão acerca do tratamento dispensado ao idoso, tanto na família, quanto na sociedade em geral. Vale destacar que a discussão torna-se ainda mais pertinente, visto que a idosa (D.Carolina) representa a sogra, figura esta que, como dissemos, não é bem vista socialmente.

Para tratar do tema em discussão, o sujeito comunicante/enunciador utiliza, no espaço da *tematização*, as operações de *qualificação*, representadas pelo uso de nomes adjetivos que, em sua maioria, possuem um valor semântico-discursivo *subjetivo*, evidenciando o modo *Descritivo* de organização do discurso. Além disso, tais adjetivos subjetivos imprimem na narrativa a opinião/o ponto de vista situacional do sujeito enunciador em relação à tese discutida, o que, de certa forma, abre possibilidades de trabalho com o modo *Argumentativo*:

"[...] A família, de novo reunida, se alvoroçava, e Dona Carolina, arquejante, dizendo que morria sufocada." (Sabino, 2002, p.29)

"[...] A velha, porém, só fazia arranhar a garganta com sons estrangulados, a boca aberta, os olhos revirados para cima." (*Ibid.*, p.28)

De acordo com a classificação semântico-discursiva desenvolvida por Carneiro *et al* (1992), pode-se dizer que, em *Espinha de peixe*, ocorre o predomínio de adjetivos de caráter *subjetivo*. Ainda assim, observa-se a presença de alguns adjetivos de caráter *objetivo* que, segundo o autor mencionado, possuem uma *auto-suficiência informativa não geradora de progressão textual*:

"[...] E apontava o gogó com o dedinho seco." (*Ibid.*, p.28)

"[...] Dona Carolina reclinou a cabeça para trás, abriu bem a boca, e a dentadura superior se despregou." (*ibid.*, p.29)

Os adjetivos *subjetivos*, que apresentam um valor semântico *aberto*, exigem maiores informações a respeito do substantivo ao qual se referem, estabelecendo a progressão temática dos fatos narrados. Portanto, ao escolher e combinar os adjetivos (estrangulados, revirados, nervosa) e o adjetivo substantivado (histérica) com os

substantivos (*sons, olhos, velha e sogra*), todos referentes à D.Carolina, o sujeito comunicante/enunciador revela a imagem que ele (o genro) e a família têm dela, pessoa que, por ser idosa, já não merece respeito nem confiabilidade em suas atitudes:

"[...] A velha, porém, só fazia arranhar a garganta com *sons estrangulados*, a *boca aberta*, os *olhos revirados* para cima." (*Ibid.*, p.28)

"[...] A *velha* está *nervosa* à toa, o senhor desculpe o incômodo." (*Ibid.*, p.30)

"[...] Minha *sogra* é uma *histérica* - explicava o dono da casa a um velho amigo que viera visitá-lo ao terceiro dia." (*Ibid.*, p.30)

No que diz respeito às funções sintáticas desses adjetivos *subjetivos*, nota-se que os *Adjuntos Adnominais* são responsáveis pela construção da imagem da protagonista. Já os adjetivos *subjetivos*, que atuam como *Predicativos do Sujeito*, sinalizam a carga emocional de Dona Carolina. Vejamos, então, nos trechos seguintes:

"[...] A família, de novo reunida, se alvoroçava, e D.Carolina, *arquejante*, dizendo que morria *sufocada*." (*Ibid.*, p.29)
(adjetivos *Predicativos do Sujeito*)

"[...] D.Carolina pôs-se a amaldiçoar toda a sua descendência, a voz cada vez mais rouca:" (*Ibid.*, p.30)
(adjetivo *Adjunto Adnominal*)

CONCLUSÃO

Neste artigo, analisamos, de forma sucinta, a classe *dos nominais*, em específico, o *adjetivo*, realizando-o a partir de uma perspectiva textual. Na verdade, o objetivo de nosso trabalho é propor um ensino de Língua Portuguesa, isto é, um estudo da gramática articulado ao texto, o que aponta para uma prática pedagógica reflexiva, em conformidade com os PCNs.

No que se refere aos nomes adjetivos, vê-se que eles podem apresentar um sentido mais **fechado**, impedindo a progressão temática do texto. Tais adjetivos são denominados *objetivos*. No entanto, há os que, por apresentarem um conteúdo temático **aberto**, expressam, desse modo, a emotividade (a subjetividade) do sujeito enunciador, contribuindo não só para a progressão dos acontecimentos narrados, mas principalmente para a construção do sentido *discursivo*.

Percebemos, ainda, que o sentido *discursivo* ou *opaco* do adjetivo constrói-se a partir do sentido *de língua*, sentido este que se articula tanto aos critérios mórfico, sintático e semântico-discursivo, quanto aos fatores de natureza extralingüística, também chamados, fatores **situacionais**, tais como: a **intenção** dos sujeitos envolvidos na transação comunicativa, a **identidade** desses sujeitos, ou seja, que **papéis sociais** eles representam e as **escolhas lexicais** realizadas em função desses aspectos. Conforme nos diz Soares (2002, p.06),

“[...] o ensino é aqui desenvolvido, desde o momento inicial da alfabetização, pela proposta de *práticas discursivas*, materializadas em textos orais (fala) ou escritos (escrita) de diferentes tipos e gêneros, dependendo das condições de produção do texto: **quem** fala ou escreve; **o que** fala ou escreve; **para quem** fala ou escreve; **para que** fala ou escreve – com que objetivo; **quando** e **onde** fala ou escreve – em que situação temporal, espacial, social, cultural.”

Vale ressaltar que os adjetivos e locuções adjetivas que funcionam como Adjunto Adnominal contribuem para a configuração da cena enunciativa, visto que constituem o ambiente, a imagem e o universo das personagens envolvidas na crônica. Ao contrário destes, os adjetivos e locuções adjetivas que desempenham função sintática de Predicativo do Sujeito expressam a carga emocional do sujeito comunicante/enunciador, o que, de certa forma, favorece a caracterização da **imagem** de tais personagens.

Dessa forma, articulando o estudo da gramática a uma proposta de ensino voltada para textos, nossa pesquisa deseja provocar uma mudança na postura do professor de Língua Portuguesa, que passará a ver a metalinguagem (outrora um *meio*) como um fim e o texto (antes considerado *pretexto*) como o **centro** para o qual devem **convergir** e **divergir** todas as atividades realizadas em sala de aula, tais como: leitura, compreensão/interpretação, vocabulário, reflexão dos fatos gramaticais e produção de textos orais e escritos nos mais diferentes gêneros.

* Prof^a. Mestre em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal Fluminense (UFF-Niterói/RJ) e, atualmente, Doutoranda em Estudos Lingüísticos também pela UFF. Leciona Língua Portuguesa para turmas de oitavo e nono anos do Ensino Fundamental, nas Prefeituras do Rio de Janeiro (SME-RJ) e de Mangaratiba (SME-Mangaratiba/RJ). Tanto no Mestrado quanto no Doutorado subsidia seus trabalhos na Teoria Semiolingüística de Análise do Discurso de Patrick Charaudeau, focalizando-os, ainda, na Lingüística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa.

ANEXO

*O que fazer quando ninguém acredita no que a gente está dizendo?
Você vai engolir em seco e ficar de nó na garganta com esta crônica.*

Espinha de peixe

"De repente Dona Carolina deixou cair o garfo e soltou um grunhido. Todos se precipitaram para ela, abandonando seus lugares à mesa: a filha, o genro, os netos:

- Que foi, mamãe?
- Dona Carolina, a senhora está sentindo alguma coisa?
- Fala conosco, vovó.

A velha, porém, só fazia arranhar a garganta com sons estrangulados, a boca aberta, os olhos revirados para cima.

- Uma espinha - deixou escapar afinal, com esforço: - Estou com uma espinha de peixe atravessada aqui.

E apontava o gogó com o dedinho seco.

- Come miolo de pão.
- Respira fundo, vovó.
- Com licença - e o marido de uma das netas, que era médico recém-formado, abriu caminho: - Deixa ver. Abre bem a boca, Dona Carolina.

Dona Carolina reclinou a cabeça para trás, abriu bem a boca, e a dentadura superior se despregou. Constrangido, o moço retirou-a com dedos delicados, deixou-a sorrindo sobre a toalha da mesa:

- Assim. Agora vira aqui para a luz. Não estou vendo nada... A espinha já saiu, não tem nada aí. A garganta ficou um pouco irritada, é por isso... Bebe um pouco d'água, Dona Carolina, que tudo já passou.

Todos respiraram aliviados, voltando aos seus lugares. Dona Carolina, porém, fuzilou o rapaz com um olhar que parecia dizer: 'Passou uma ova!' e continuava a gemer. Como ninguém se dispusesse mais a socorrê-la, acabou se retirando para o quarto, depois de amaldiçoar toda a família. Uma das netas, solícita, foi levar-lhe a dentadura, esquecida sobre a mesa.

- Estou com uma espinha na garganta - queixava-se ela, a voz cada vez mais fraca.
- Já saiu, mamãe. É assim mesmo, a gente fica com a impressão que ainda tem, deve ter ferido a garganta...
- Impressão nada! Ela está aqui dentro, me sufocando... Chame um médico para mim, minha filha.

Veio de novo o rapaz que era médico, mas a velha o rejeitou com um gesto:

- Esse não! Eu quero um médico de verdade!

A família, de novo reunida, se alvoroçava, e Dona Carolina, arquejante, dizendo que morria sufocada. Uma das filhas corria a buscar um copo d'água, outra abanava a velha com um jornal. O dono da casa foi bater à porta do vizinho de apartamento, Dr. Fontoura, que, pelo nome, devia ser médico:

- O senhor desculpe incomodar, mas minha sogra cismou, uma espinha de peixe, não tem mais nada, cismou que tem, porque tem...

Dr. Fontoura, que na realidade era dentista, correu com uns ferrinhos, uma pinça.

- Abre bem a boca, minha senhora - ordenou, gravemente, e contendo a língua da velha com o cabo de uma colher, meteu o nariz pela boca adentro: - Assim. Hum-hum... Não vejo nada. Alguém tem uma lanterna elétrica?

Um dos rapazes trouxe a lanterna elétrica, e o dentista iluminou a goela de sua nova cliente, sob a expectativa geral.

- É isso mesmo... Está um pouquinho irritada ali, perto da epiglote. Não tem mais nada, a espinha já saiu. O que ela está precisando, na minha opinião, é de uma dentadura nova.

A velha engasgou e, em represália, por pouco não lhe mordeu a mão. Todos respiravam, aliviados.

- Eu não dizia? - exclamava o dono da casa, conduzindo o vizinho até a porta. E protestava agradecimentos: - A velha está nervosa à toa, o senhor desculpe o incômodo...

Dona Carolina pôs-se a amaldiçoar toda a sua descendência, a voz cada vez mais rouca:

- Cambada de imprestáveis! Eu aqui morrendo engasgada e eles a dizerem que não tem mais nada! Resolveram fazê-la tomar um calmante e dar o caso por encerrado.

Mas o caso não se encerrou. A velha não pregou olho durante a noite e passou todo o dia seguinte na cama, gemendo com um fio de voz:

- Ai, ai, ai, meu Santo Deus! Estou morrendo e ninguém liga!

A filha torcia as mãos, exasperada:

- Não quis almoçar, agora não quer jantar. Assim acaba morrendo mesmo.
- Minha sogra é uma histérica - explicava o dono da casa a um velho amigo que viera visitá-lo ao terceiro dia. - Está assim desde Quarta-feira, já nem fala mais com ninguém...

O velho amigo resolveu espia-la de perto. Assim que o viu, Dona Carolina agarrou-lhe a mão, soprando-lhe no rosto uma voz roufenha, quase inaudível, mais para lá do que para cá:

- Pelo amor de Deus, me salve! Você é o único que ainda acredita em mim.

Impressionado, o velho amigo da casa resolveu levá-la consigo até o pronto-socorro.

- Quanto mais não seja, terá efeito psicológico - explicou aos demais.

Embrulharam a velha num sobretudo, e lá se foi ela, de carro, para o pronto-socorro. Foi só chegar e a esconderam numa mesa, anestesiaram-na, e o médico de plantão, com uma pinça, retirou de sua garganta - não um espinha, mas um osso de peixe, uma imensa vértebra cheia de espinhas para todo lado, como um ouriço.

- Estava morrendo sufocada - advertiu. - Não passaria desta noite.

Hoje Dona Carolina, quando quer fazer o resto da família ouvir sua opinião sobre qualquer assunto, exhibe antes sua famosa vértebra de peixe, que carrega consigo, como um troféu."

Fernando Sabino

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. 4.ed. São Paulo: ática, 1995.

CÂMARA Jr. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARNEIRO, Agostinho Dias *et al.* O adjetivo e a progressão textual. In: **Letras & Letras**, Uberlândia 8, jun.1992, p.31-36.

CARNEIRO, Marísia Teixeira, MONNERAT, Rosane. **A teoria semiolingüística e os modos de organização do discurso**. Rio de Janeiro, 2002. Mimeo.

CHARAUDEAU, Patrick. **Les conditions de compréhension du sens de discours**. Anais do I Encontro franco-brasileiro de análise do discurso. Rio de Janeiro: CIAD/UFRJ, 1995a..

In: _____ . Une analyse semiolinguistique du discours. **Langages** número 17, Les Analyses du discours en France, Paris: Larousse, Mars, 1995b.

In: _____. Para uma nova análise do discurso. CARNEIRO, Agostinho Dias (Org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

In: _____. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. Mari, Hugo; Machado, Ida Lúcia; Melo, Renato de (Orgs.). **Análise do**

- discurso: fundamentos e práticas.** Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso - FALE/UFGM, 2001b.
- CUNHA, Celso. **Minigramática do português contemporâneo.** PEREIRA, Cilene da Cunha (Org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola.** 5.ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- OITICICA, José. **Manual de análise léxica e sintática.** 10.ed. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1953.
- PONTES, Simone Xavier. **A classe dos nominais em perspectiva textual - articulação da gramática ao discurso.** 168p. Dissertação de Mestrado em Letras - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.
- SÁ, Jorge de. **A crônica.** 6.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- SABINO, Fernando. **Cara ou coroa?** Antologia. 1.ed. São Paulo: Ática, 2002.p.28-31.
- SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento.** 1.ed. São Paulo: Moderna, 2002.

NOTAS

¹ Este trabalho apresenta, de forma sucinta, parte da análise realizada, em minha Dissertação de Mestrado, intitulada *A classe dos nominais em perspectiva textual - articulação da gramática ao discurso*, pela Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

² Nesse trabalho, utilizaremos a sigla LD, como referência a Livro Didático.

³ O *corpus* utilizado em minha Dissertação de Mestrado constitui-se de dez crônicas, divididas em quatro *áreas temáticas*.

⁴ Anteriormente, utilizava-se o termo *comunicacional* como referência a *semiollingüístico* (Apud Charaudeau 1996, p.35).

⁵ Enfocaremos, em nosso trabalho, o *espaço da tematização*, a fim de se construir o *sentido discursivo* do texto em estudo.

⁶ A esse respeito, cf. OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática.* 10.ed. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1953. Nesta obra, o autor utiliza o termo *adjetivo*, a fim de abarcar toda a gama de determinantes.

⁷ Vale ressaltar, no entanto, que essa equivalência semântico-discursiva, defendida pelas Gramáticas Normativas de Língua Portuguesa, é questionável. Em relação a este fato, cf. PONTES, Simone Xavier. **A classe dos nominais em perspectiva textual: articulação da gramática ao discurso.** 2004. 168p. Dissertação de Mestrado em Letras - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.